

CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS E PRODUTIVAS DA PECUÁRIA FAMILIAR LEITEIRA DO RIO GRANDE DO SUL**SOCIOECONOMIC AND PRODUCTIVE CHARACTERISTICS OF FAMILY DAIRY FARM IN RIO GRANDE DO SUL****CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS Y PRODUCTIVAS DE LA LECHERÍA FAMILIAR EM RIO GRANDE DO SUL**José Tobias Marks Machado¹<https://orcid.org/0000-0002-1725-7166>Paulo Dabdab Waquil²<https://orcid.org/0000-0002-9430-7040>**Submissão: 30/09/2021 / Aceito: 04/02/2022/ Publicado: 31/03/2022.****Resumo**

O trabalho tem como objetivo fazer uma caracterização socioeconômica e produtiva da pecuária familiar leiteira do Rio Grande do Sul. A pesquisa se classifica como um estudo descritivo em que foram entrevistados 110 produtores de 29 municípios. Para que fosse possível captar uma maior diversidade de situações produtivas, foi realizada uma seleção intencional da amostra, baseada em quatro estratos diários de produção. Para a maior parte dos entrevistados (91,8%), a pecuária leiteira é a principal atividade produtiva, de todo modo, 54,5% dos estabelecimentos diversificam a produção com ao menos mais uma atividade agropecuária. Tratando-se das motivações para o desenvolvimento da atividade, três foram as principais justificativas elencadas, estando estas relacionadas às categorias “renda mensal”, “gosto pela atividade” e “alternativa produtiva”. Em relação à infraestrutura, 94,5% dos agricultores disseram possuir alguma área própria, em que as heranças figuram como a principal forma de obtenção da terra. Para o funcionamento do sistema de produção a maioria dos estabelecimentos precisam de, no mínimo, duas pessoas se dedicando ao estabelecimento, em que o papel das mulheres é central. O sistema a pasto e os animais da raça holandesa são os mais utilizados pelos produtores e a maior parte destes têm acessado políticas de crédito rural e assistência técnica. As cooperativas se apresentam como instituições importantes aos pecuaristas, sendo que 41,8% dos agricultores comercializam o leite através destas. A partir dos dados coletados é possível afirmar que todos os estabelecimentos dispõem de uma infraestrutura básica para a produção leiteira, em que as técnicas de manejo utilizadas e até mesmo a produtividade diária não são os aspectos de maior diferenciação. Por sua vez, o tamanho dos rebanhos, o tamanho da área disponível, bem como as instalações detidas tendem a ser pontos de maior diferenciação entre os agricultores familiares analisados.

Palavras-chave: Agricultura familiar, diferenciação, integração, exclusão, mudanças socioprodutivas.

¹ Doutorado em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Vínculo Institucional: Campus de Parauapebas, Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). E-mail: tobias.machado@ufrgs.br

² Ph.D. Agricultural Economics, University of Wisconsin (EUA). Vínculo Institucional: Departamento de Economia e Relações Internacionais (DERI), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) e Programa de Pós-Graduação em Agronegócios, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) E-mail: waquil@ufrgs.br



Abstract

The objective of the article was to present the socioeconomic and productive characteristics of family dairy farm in Rio Grande do Sul. A total of 110 farmers were interviewed from four different production sizes. Most producers (91,8%) have dairy production as their main activity. However, 54,4% of producers diversify their production with other agricultural activities. Were three main reasons cited for working with dairy cattle: “agricultural income”, “know-how” and “productive alternative”. About the land, 94,5% of the producers have their own land. Inheritances are the main form of land acquisition. Mostly properties require two workers at least, and the female work is fundamental. The grass system and the animals of the Dutch breed are the most used. Most producers have access to rural credit and technical assistance. A total of 41,8% of producers sell their production through cooperatives. All producers have basic infrastructure for dairy production. Thus, agricultural techniques and daily productivity are not the aspects that differentiate producers. However, the size of the herds, the size of the land and the equipment are aspects of differentiation.

Keyword: Family Farming, differentiation, integration, exclusion, socio-productive change

Resumen

El objetivo del artículo fue presentar las características socioeconómicas y productivas de la explotación lechera familiar en Rio Grande do Sul. Se entrevistó a un total de 110 agricultores de cuatro tamaños de producción diferentes. La mayoría de los productores (91,8%) tienen la producción láctea como su principal actividad. Sin embargo, el 54,4% de los productores diversifica su producción con otras actividades agrícolas. Se citaron tres razones principales para trabajar con ganado lechero: “ingreso agrícola”, “saber hacer” y “alternativa productiva”. Sobre la tierra, el 94,5% de los productores tiene tierra propia. Las herencias son la principal forma de adquisición de tierras. La mayoría de las propiedades requieren al menos dos trabajadores, y el trabajo femenino es fundamental. El sistema de césped y los animales de la raza holandesa son los más utilizados. La mayoría de los productores tienen acceso a crédito rural y asistencia técnica. El 41,8% de los productores vende su producción a través de cooperativas. Todos los productores cuentan con infraestructura básica para la producción láctea. Así, las técnicas agrícolas y la productividad diaria no son los aspectos que diferencian a los productores. Sin embargo, el tamaño de los rebaños, el tamaño de la tierra y el equipo son aspectos de diferenciación.

Palabras Clave: Agricultura familiar, diferenciación, integración, exclusión, cambios socioproductivos

INTRODUÇÃO

Entre as formas familiares de produção, a pecuária se apresenta como importante atividade produtiva, sendo reconhecida como uma atividade capaz de gerar renda e segurança alimentar (ALARY et al., 2014; TOURRAND et al., 2015). Corroborando com tal importância, segundo os dados do último censo agropecuário, dos 3.897.408 estabelecimentos familiares existentes no país, 79,2% criam alguma espécie animal (IBGE, 2018b). Dentre as diversas espécies exploradas, a bovinocultura leiteira tem papel fundamental no Brasil, uma vez que em 2019 o país figurou como o terceiro maior produtor de leite do mundo, estando apenas atrás dos EUA e da Índia (FAO, 2019). Sustentando tal posição, a agricultura familiar se destaca como categoria mais importante,



respondendo por 64,2% da produção leiteira e 63,3% do leite comercializado no país (IBGE, 2018b). A importância da agricultura familiar ganha destaque ainda maior quando considerado o Rio Grande do Sul, onde os produtores familiares são responsáveis por 83,1% do total do leite comercializado (IBGE, 2018b).

Embora presente desde o processo de ocupação e colonização do estado (MIGUEL, 2018; SILVA NETO; BASSO, 2015), diversos autores apontam que foram as modificações econômicas, tecnológicas, organizacionais e políticas ocorridas durante os anos 1990 que marcaram e moldaram a dinâmica recente desta atividade pecuária (BÁNKUTI; CALDAS, 2018; SCHUBERT; NIEDERLE, 2011; VILELA et al., 2017). Se por um lado o contexto liberalizante dos anos 1990 criou um cenário de descrença sobre a capacidade competitiva da pecuária leiteira, por outro, a estabilidade econômica e a capacidade produtiva da agricultura familiar, incentivada pelo referencial produtivo do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), fizeram com que o setor se estruturasse e atingisse um dinamismo socioeconômico (GRISA; SCHNEIDER, 2015; SOARES, J. C. V.; SILVEIRA; FIALHO, 2010; WILKINSON, 2008). Ratificando tal aspecto, a importância produtiva da agricultura familiar já havia sido reportada no penúltimo censo agropecuário, em que a categoria fora responsável por 90,5% do leite comercializado no Rio Grande do Sul. (IBGE, 2006).

Em paralelo à manutenção da contribuição da agricultura familiar na produção gaúcha, nota-se, porém, uma dinâmica de diminuição significativa de estabelecimento, havendo em uma década uma redução de 128,7 mil para 56,5 mil unidades que produzem e comercializam leite (IBGE, 2006, 2018a). Embora devam ser ponderadas as mudanças metodológicas na forma de contabilização dos estabelecimentos agropecuários nos dois levantamentos censitários, é pouco provável a não existência de uma dinâmica de concentração e exclusão de produtores da atividade. Embasando os números observados, alguns trabalhos tem apontado que as exigências sanitárias, tecnológicas e de escala de produção, impostas pelas agroindústrias compradoras de leite, tem dificultado a manutenção de produtores nesta cadeia produtiva (BÁNKUTI; CALDAS, 2018; MARKS MACHADO, 2019). Corroborando com a tendência de especialização e intensificação produtiva, entre 2006 e 2017, é averiguado um aumento de 59,8% na quantidade de leite comercializado, junto à uma estabilidade do rebanho ordenhado (IBGE, 2006, 2018a).

Diante da importância da agricultura familiar na pecuária leiteira, bem como as modificações recentes ocorridas nessa atividade, este trabalho tem como objetivo fazer uma caracterização socioeconômica e produtiva dos pecuaristas familiares do Rio Grande do Sul. Para



isso, além desta introdução e das considerações finais, o trabalho é dividido em mais quatro partes. Em seguida, serão apresentados os procedimentos metodológicos que embasam a pesquisa, posteriormente a isso, em três seções, os resultados relacionados ao perfil dos produtores, à infraestrutura detida e às políticas públicas e mercados acessados, são expostos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se classifica como um estudo do tipo descritivo, em que são analisados e descritos determinados fenômenos observados. O presente artigo é um recorte analítico de um estudo mais amplo e robusto sobre vulnerabilidade na pecuária leiteira do Rio Grande do Sul. Levando-se em consideração a abrangência proposta pelo o estudo, a definição do tamanho da amostra se baseou no número de estabelecimentos que venderam leite nos 497 municípios do Rio Grande do Sul, tendo em vista os dados do Censo Agropecuário 2017 (IBGE, 2018a). Para que fosse mantida uma amplitude proporcional à importância da pecuária leiteira em cada uma das mesorregiões do estado, a distribuição da amostra obedeceu à proporção de estabelecimentos agropecuários que venderam leite em cada uma das sete mesorregiões. Na tabela 1 são apresentados, por mesorregião, o número de estabelecimentos que comercializaram leite em 2017, o número produtores amostrados pelo o estudo e o número de municípios que tiveram produtores entrevistados.

Tabela 1: Percentual e número de estabelecimentos que venderam leite (NEVL), de entrevistas realizadas e de municípios amostrados.

MESORREGIÕES	NEVL ¹		Nº de entrevistas		Nº de municípios	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Noroeste do RS	36252	64%	71	65%	19	66%
Nordeste do RS	4879	9%	10	9%	2	7%
Centro Ocidental	1700	3%	3	3%	1	3%
Centro Oriental	5832	10%	11	10%	3	10%
Metropolitana de POA	2637	5%	5	5%	1	3%
Sudoeste do RS	2110	4%	6	5%	2	7%
Sudeste do RS	3119	6%	4	4%	1	3%
TOTAL	56.529	100%	110	100%	29	100%

¹ NEVL – Número de estabelecimentos que venderam leite, segundo os dados do Censo Agropecuário 2017 (IBGE, 2018a).

Fonte: Elaborado pelo o autor (2020).



Ao todo foram entrevistados 110 produtores em 29 municípios, distribuídos pelas sete mesorregiões do Rio Grande do Sul. Dada a concentração dos estabelecimentos que comercializam a produção no Noroeste gaúcho, esta foi a mesorregião com maior número de produtores e municípios amostrados. Na figura 1 é apresentado a localização de todos os municípios que tiveram produtores entrevistados durante a execução da pesquisa.

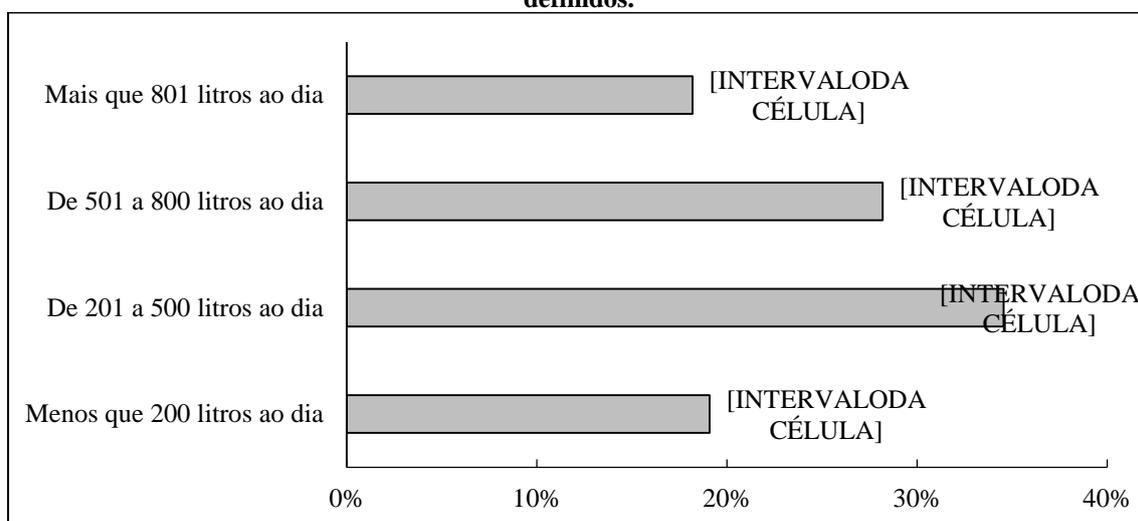
Figura 1 - Localização dos municípios que tiveram pecuaristas entrevistados.



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Assim, a fim de que fosse possível captar uma maior diversidade de situações produtivas, foi realizada uma seleção intencional da amostra, baseada em estratos diários de produção. A figura 2 apresenta o número de produtores entrevistados em cada um dos quatro estratos produtivos pré-definidos.

Figura 2: Distribuição percentual e absoluta da amostra considerando os quatro estratos de produção pré-definidos.



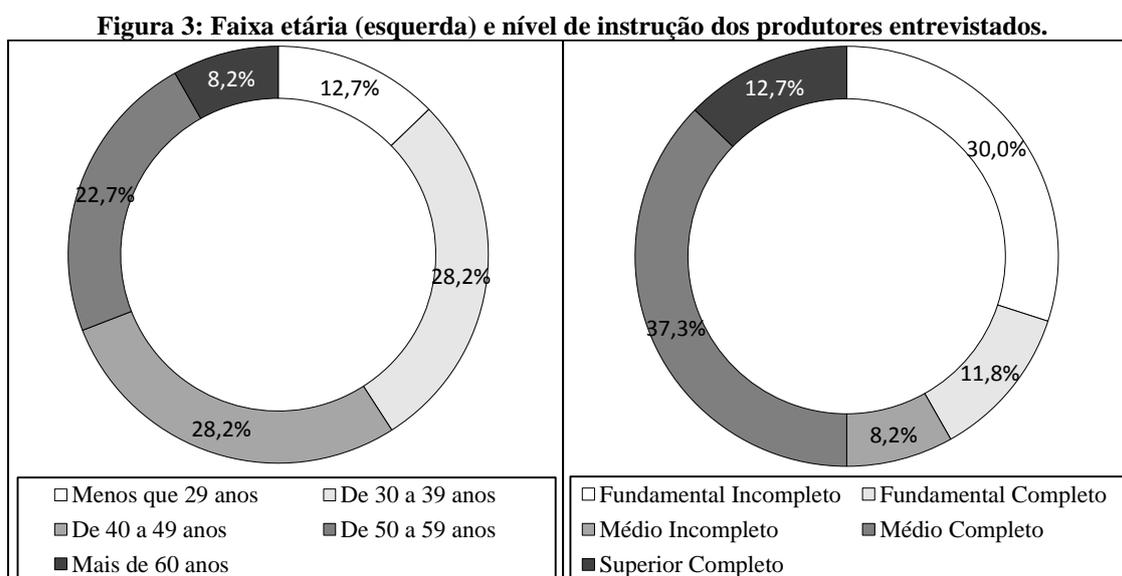
Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados de pesquisa (2021).

Como pode ser visualizado na figura 2, a distribuição da amostra obedeceu a uma normalidade estatística. Junto a isso, todos os estratos tiveram pelo menos 20 produtores ouvidos, havendo assim uma representatividade da diversidade amostral. A pesquisa foi realizada durante os meses de agosto e novembro de 2020, sendo que por ter coincidido com o período pandêmico, a coleta de dados foi realizada por telefone. A entrevista semiestruturada foi a principal técnica de pesquisa utilizada, sendo feito o uso de um roteiro de entrevista para coleta de informações de caráter quantitativo e qualitativo. Os dados quantitativos levantados foram inicialmente codificados e analisados de forma descritiva, através do cálculo da média, desvio padrão, mínimo, máximo e a distribuição em frequências. Além disso, foi também utilizada a correlação de Spearman, que objetiva correlacionar dados quantitativos dispostos em categorias ou em ordens. As análises destes dados foram feitas através dos softwares Excel® e SPSS®.

A partir das transcrições de trechos das entrevistas é que a análise qualitativa foi efetuada, utilizando-se como técnica a análise de conteúdo. Como apresentado por Bardin (1977), citada por Oliveira (2008), esta análise se trata de um conjunto de técnicas e análises das comunicações que visam, por meio de procedimentos objetivos e sistemáticos, inferir sobre as condições de produção de determinadas mensagens. Assim, os dados qualitativos foram transcritos e codificados em categorias. Para a análise desses dados, fez-se o uso do software NVIVO®. Destacados os procedimentos metodológicos utilizados, a próxima seção apresenta os resultados encontrados.

PERFIL DOS PECUARISTAS ESTRATÉGIAS PRODUTIVAS E MOTIVAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE

Em relação ao perfil, a maior parte dos entrevistados foram homens, sendo entrevistadas apenas 19 produtoras. Em 56,4% dos casos, os entrevistados tinham de 30 a 49 anos. Os produtores com idade superior a 60 anos representaram 8,2% da amostra e os produtores com idade inferior a 30 anos foram 12,7% do total. Quanto à escolaridade, constatou-se que 50,0% dos produtores possuem pelo menos o ensino médio completo, enquanto que 30,0% não completaram o ensino fundamental (Figura 3). Utilizando a correlação de Spearman, foi observado uma correlação negativa e significativa (-0,585), entre o aumento do nível de instrução dos produtores e o aumento da faixa etária, de modo que produtores mais jovens tendem a ter uma escolaridade maior.

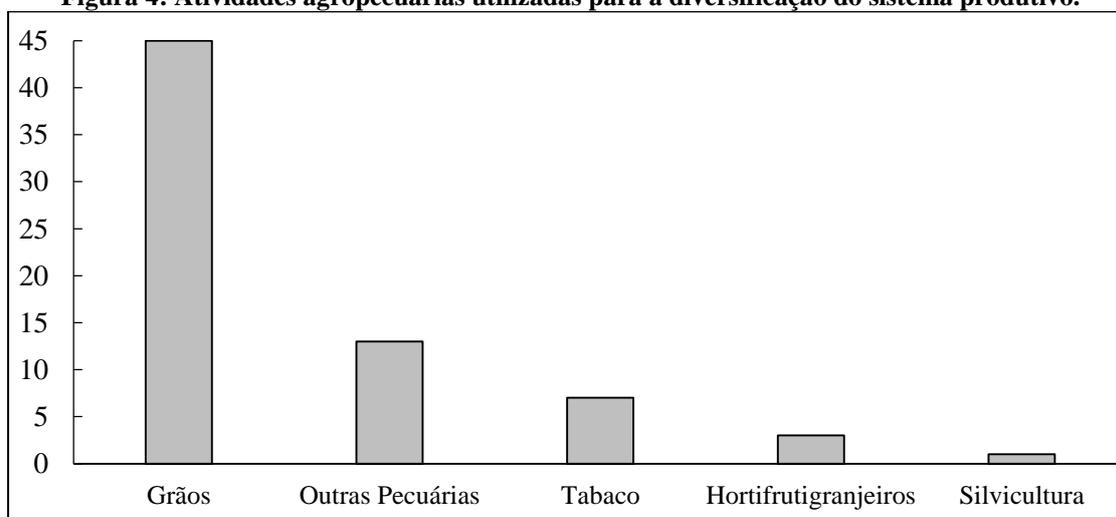


Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos dados de pesquisa (2021).

É importante salientar que o bom índice de instrução encontrado e a grande concentração de produtores na porção média da pirâmide etária, contrasta com a realidade da agropecuária do Rio Grande do Sul. De acordo com o último Censo Agropecuário, apenas 21,1% dos agricultores possuem ao menos o ensino médio completo, ao passo que 53,3% dos agricultores têm mais de 55 anos e outros 38,7% têm entre 35 a 54 anos (IBGE, 2018c). O viés da amostra para estas variáveis pode estar associado ao fato de ser considerado aqui apenas a idade e o nível de instrução do agricultor entrevistado. Nesse sentido, em 96,4% dos casos os produtores residem na propriedade com outros membros da família, de forma que a maior parte dos estabelecimentos (56,4%) possuem de três a quatro moradores.

Na ampla maioria dos estabelecimentos, a pecuária leiteira foi apontada como a atividade principal, sendo que apenas nove produtores destacaram a produção de leite como atividade secundária. Mesmo sendo a atividade principal, 54,5% dos estabelecimentos diversificam a produção com pelo menos mais uma exploração agropecuária. Como pode ser visualizado na figura 4, a produção de grãos foi apontada como a atividade mais utilizada para a diversificação do sistema produtivo, estando presente em 45 dos 110 estabelecimentos.

Figura 4: Atividades agropecuárias utilizadas para a diversificação do sistema produtivo.



Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos dados de pesquisa (2021).

Diversos trabalhos apontam para uma complementação produtiva entre a produção de grãos e a pecuária leiteira no Rio Grande do Sul. Em que a possibilidade do compartilhamento de máquinas, equipamentos e das áreas entre as duas atividades beneficia o desenvolvimento desta estratégia de diversificação produtiva, sobretudo, através da incorporação da soja ao sistema de produção leiteiro (LIMA *et al.*, 2017; SILVA NETO; BASSO, 2015; TONIN, 2018; VENNET; SCHNEIDER; DESSEIN, 2015). Corroborando com isso, o Relatório Socioeconômico da Cadeia Produtiva do Leite (EMATER, 2017) aponta que é mais comum entre os estabelecimentos produtores o uso de pastagens de inverno em comparação ao uso de pastagem de verão. Em mesmo sentido, o relatório aponta para uma tendência de queda do plantio de pastagens anuais de verão no período de 2015 a 2019.

Além da produção de grãos, a figura 4 demonstra que a criação de outras pecuárias esteve presente em 13 estabelecimentos e a produção de tabaco foi a estratégia de diversificação desenvolvida por sete pecuaristas. Junto a estas, foram citadas a produção de hortifrutigranjeiros e a produção silvícola. Ainda sobre a diversificação, é interessante destacar que não houve correlação

entre a quantidade diária produzida de leite e o desenvolvimento, ou não, de outras atividades agropecuárias. Dito de outra forma, não foi identificado algum tipo de relação entre estabelecimentos que produzem menos leite e desenvolvem outras atividades produtivas. Tal resultado pode estar atrelado ao fato de que antes de ter ligação com o tamanho da produção, a possibilidade de diversificação depende dos próprios recursos, ativos e intitamentos detidos pelos produtores. Quanto à diversificação da renda com atividades não agrícolas, constatou-se que 60 estabelecimentos (54,5%) possuíam um ou mais membros recebendo, pelo menos, um tipo de renda externa à unidade de produção. As aposentadorias figuraram como as rendas não agrícolas mais citadas, havendo 44 estabelecimentos com membros aposentados. Em seguida, as rendas auferidas com trabalhos externos estiveram presentes em 30 propriedades. Em dois estabelecimentos existiam rendas obtidas do aluguel de imóveis.

Em conjunto com a identificação dos rendimentos obtidos através de outras atividades, foi levantado se tais rendas eram utilizadas na pecuária leiteira. Dos 60 produtores que diversificam seu sistema produtivo com outras atividades agropecuárias, 53,3% informaram realizar uma gestão conjunta das atividades. Assim, os produtores que diversificam o sistema de produção com cultivos anuais, destacaram que os recursos da produção leiteira serviam para ajudar no custeio de todas as atividades desenvolvidas na propriedade, ao passo que os rendimentos obtidos com as colheitas anuais serviam como uma espécie de poupança, para investimentos futuros e para eventuais emergências. Por outro lado, 46,7% dos produtores disseram fazer a separação dos rendimentos obtidos com as distintas atividades. Já o uso das rendas não agrícolas na atividade, é feito por 36,7% dos 60 estabelecimentos, de forma que a maior parte não utiliza estes recursos na produção. Este resultado pode ter relação direta com o fato de que são as aposentadorias, os principais recursos não agrícolas recebidos pelas unidades de produção.

Tratando-se dos motivos elencados para o desenvolvimento desta pecuária, foi possível categorizar três principais grupos de motivações dos produtores. O primeiro e citado por 68,1% dos entrevistados, relacionou-se à possibilidade de geração de uma “Renda Mensal”. Ilustrando este tipo de motivação, a seguir são reproduzidos depoimentos de quatro produtores. Segundo o Produtor 5, “O leite é a saída para a pequena propriedade, ele dá uma renda mensal e uma estabilidade para ti.” (Região Noroeste do RS). Para a Produtora 36, “O leite garante uma renda mensal, porque as empresas são sérias. E tudo na cidade gira em torno do leite. As contas são pagas no dia 15 do mês” (Região Noroeste do RS). Já o produtor 49 afirma que “O leite dá uma renda mensal e hoje na colônia as despesas são mensais. A vida é igual na cidade, tem que pagar internet,



mercado, outras contas” (Região Noroeste do RS). Por sua vez, o produtor 103 justifica que “Entre no leite porque precisava de uma atividade que desse uma renda mensal. Então, não podia ser a lavoura” (Região Centro Ocidental do RS).

A partir das justificativas, pode ser extraído que ao possibilitar a venda contínua do produto, a atividade permite uma maior estabilidade financeira aos produtores e a suas famílias. Tal aspecto ganha maior relevância em um contexto em que para acessar determinadas tecnologias as “despesas são mensais” no meio rural contemporâneo. De igual forma, a atividade permite uma organização financeira em conjunturas em que a dinâmica econômica local ocorre interligada com as especificidades do próprio setor. Muitos produtores mencionaram também a menor incerteza da atividade, em que os ganhos são “menos esparsos” e “mais seguros”. Exemplificando este aspecto, abaixo são apresentadas as falas de outros três produtores.

Se comparar com o fumo, o leite é uma atividade segura, porque no fumo você perde a produção em poucos minutos (perdas com granizo). A renda do leite é mensal e a do fumo é anual (...). O mercado do leite é muito mais rápido que o do fumo, tem meses ruins, mas logo em seguida tem como se recuperar (Produtor 70, Região Centro Oriental).

Os grãos têm um grande problema, por causa das estiagens é uma grande incerteza. O leite te dá uma renda mensal bem mais garantida (Produtor 29, Região Noroeste do RS).

O leite eu vejo como uma renda mensal. Te dá um retorno mensal. O risco do leite é mais baixo, por ser mensal. É uma atividade que tem um risco menor. A gente fez investimentos e teve dificuldade quando baixou (o preço do leite) em 2018 e 2019, mas é uma atividade que te mantém (Produtor 74, Região Nordeste do RS).

Diante disso, a pecuária leiteira é tratada como uma estratégia de diminuição de riscos, em que as possibilidades de perdas de safras anuais por intempéries climáticas, ou as perdas monetárias pela necessidade de venda do produto em momentos de menor cotação, podem ser reduzidas e diluídas ao longo do tempo. O comportamento de aversão aos riscos verificado aqui é, em partes, respaldado na bibliografia. Por poder ser explorada em duplo propósito, através da produção de leite e carne, e por ser um ativo de alta liquidez, tendo sua venda facilitada em momentos de crise, inúmeros estudos têm demonstrado o papel central que a pecuária bovina desempenha na mitigação de riscos enfrentados pelos produtores, em especial os familiares, em diversas partes do Mundo (ALARY *et al.*, 2014; POCCARD-CHAPUIS *et al.*, 2000; SENA *et al.*, 2010; TOURRAND *et al.*, 2015; WAQUIL *et al.*, 2016). Dado que os produtores analisados por este estudo possuem uma maior mercantilização de suas atividades, mais importante do que os animais serem ativos de alta liquidez e de seu possível uso em duplo propósito, a principal



vantagem oferecida pela atividade decorre do favorecimento à diluição dos riscos, abrindo caminho para uma reprodução social sustentável e mais estável dos estabelecimentos e das famílias produtoras.

Além da motivação relacionada à aversão aos riscos, outros produtores justificaram seu empenho na atividade pela intensividade de geração de renda. Para estes, o principal motivo de se dedicarem a esta produção se deve à possibilidade de intensificação produtiva em um contexto de escassez de terras, argumentando que com a área agrícola que detém, apenas através da produção leiteira é que podem acessar a um “alto”, ou um “bom padrão de vida”. Aqui, nota-se que além de buscarem a sua reprodução social, estes produtores se preocupam também com a sustentação de um determinado tipo de consumo familiar.

Um segundo grupo de motivações, presente em 35,5% das entrevistas, diz respeito ao gosto pela atividade, em que aspectos envoltos ao saber fazer, à tradição familiar e à trajetória individual na atividade foram citados. Sobre este aspecto, cabe salientar que 20,9% dos entrevistados se dedicam à produção de leite há mais de 30 anos. Esse percentual alcança 38,2% quando considerado o total de produtores com mais de 20 anos de experiência. Consta-se ainda, que 30,0% dos agricultores trabalharam a vida toda com este tipo de pecuária. A tradição na pecuária leiteira e o gosto por esta atividade são explicitadas nos relatos do produtor 73 (Região Nordeste do RS), do produtor 100 (Região Centro Oriental do RS) e do produtor 10 (Região Noroeste do RS), respectivamente, que destacam “O leite é aquilo que a gente aprendeu a fazer. É difícil trocar de atividade, pois temos uma trajetória (...). Tiro leite desde que eu era criança. O primeiro tarro de leite comprado no município foi meu pai quem comprou.”; “Gosto de trabalhar com leite. Sou do oeste de Santa Catarina, lá eu já gostava das vaquinhas desde pequeno. Hoje, gente nova não quer mais, mas o leite é uma atividade que te dá uma renda mensal.”; “Gostamos da atividade. Fizemos por amor, porque os meus pais sempre fizeram isso e eu estava junto. A nossa família tem uma tradição de produzir leite e queremos continuar isso.”

O terceiro e último grupo de motivações englobou justificativas que consideraram a pecuária leiteira como uma “Alternativa Produtiva”, seja em relação a outras atividades agrícolas, ou não agrícolas. No total, 35 produtores (31,8%) apresentaram este tipo de justificativa, sendo que 13 destes afirmaram que o leite foi uma alternativa à produção de tabaco, em que aspectos como a menor penosidade do trabalho e os menores riscos produtivos foram citados. A migração da fumicultura para a pecuária leiteira foi principalmente citada por produtores das regiões Centro



Oriental e Noroeste, que figuram como as de maior tradição nesse cultivo. Abaixo são apresentadas as motivações de dois produtores destas regiões.

O leite foi uma alternativa para a produção de fumo. É bem mais tranquilo para trabalhar do que o fumo. Precisa de menos mão de obra, aí não precisa contratar. Com duas pessoas tem como trabalhar com leite. (Produtor 60, Região Noroeste do RS).

Antigamente o tabaco era bem melhor e o milho também. Mas as coisas mudaram e precisamos buscar mais uma fonte de renda. Tivemos problemas com o tabaco, com granizo e tiveram anos que a gente não colheu. Aí buscamos alternativas (Produtor 102, Região Centro Oriental do RS).

Corroborando com as justificativas dos produtores, alguns estudos têm atestado que a falta de mão de obra, a penosidade do trabalho e os riscos climáticos iminentes à produção de tabaco são os principais aspectos para a mudança de atividade (LIMA *et al.*, 2017, 2020). Também colabora para esta migração, a possibilidade de desenvolvimento da produção leiteira em pequenas propriedades. Já a migração da soja para a atividade leiteira foi argumentada por 11 produtores, em que tanto os menores investimentos necessários como também a pouca disponibilidade de área dos estabelecimentos foram elencados como justificativas para a mudança. Nesse sentido, alguns produtores destacaram que mudaram de atividade pois “não teriam como sobreviver com os grãos”, ou ainda “porque os insumos e as máquinas são muito caros” na produção de grãos.

Ainda, cabe ser posto em destaque que 22,7% do total de produtores entrevistados, informaram que antes de se dedicarem à atividade leiteira se empenharam em trabalhos não agrícolas. Assim, parte destes agricultores destacaram em suas falas que a bovinocultura leiteira foi a alternativa para saída de trabalhos não agrícolas e conseguinte retorno ao meio rural. Demonstrando estes aspectos, abaixo são concatenados trechos de quatro entrevistas.

A qualidade de vida foi o principal, o local que meu marido trabalhava antes era uma panela de pressão. Aí surgiu a possibilidade de fazer a sucessão na propriedade e viemos para cá. Além disso, o leite te oferece uma renda mensal e uma segurança financeira boa (Produtor 79, Região Sudoeste do RS).

Foi a alternativa para voltarmos para o interior, porque existem muitos financiamentos para a agricultura. Aqui tem uma qualidade de vida melhor. Grãos era uma atividade de alto risco quando voltamos, mas hoje o leite também já tem risco (Produtor 09, Região Noroeste do RS).

Gostamos da atividade e essa é a atividade que dá para fazer na nossa área. O leite foi uma alternativa que encontramos para irmos para o interior, sair da cidade grande e trabalharmos em algo nosso (Produtor 11, Região Noroeste do RS).

Voltei e comecei aos poucos em 2013, a gente era pobre e era difícil trabalhar. O leite é aquilo que dá para manter a gente. Outras atividades são muito caras, pois requerem muito investimento. E a lavoura tem a questão do agrotóxico. Tem gente que diz que o leite é uma prisão, mas eu gosto (Produtor 66, Região Noroeste do RS).

Diante desses argumentos, pode ser afirmado que a pecuária leiteira tem sido uma alternativa produtiva a pessoas que possuíam algum vínculo com a agricultura e decidem retornar ao rural, e também aos chamados “Neorrurais”, que como definido por Sastoque (2012) são migrantes voluntários de anterior residência urbana que decidem mudar-se para o meio rural, motivados por bases ideológicas definidas a partir de sua inconformidade com o modelo de vida nas cidades. Nesse sentido, além da rentabilidade e da intensividade da atividade, aspectos como a maior qualidade de vida e a autonomia do trabalho foram motivações importantes citadas pelos produtores.

INFRAESTRUTURA DOS ESTABELECIMENTOS

Sobre a infraestrutura básica das propriedades, foi percebido que em todos os estabelecimentos analisados há acesso à energia elétrica, água encanada, fossa séptica e a algum tipo de aparelho telefônico. A disponibilidade de acesso à internet foi significativa e contrastante com a situação atual das unidades de produção do estado³, uma vez que 96,4% dos entrevistados destacaram ter acesso a algum tipo conexão com a internet, e 93,6% afirmaram ter conexão de internet fixa em suas residências. Já o acesso asfáltico, em uma distância não maior a de um quilômetro, é existente em 27,3% das propriedades amostradas.

Em relação à infraestrutura produtiva, 94,5% dos produtores amostrados disseram possuir alguma área própria para o desenvolvimento da atividade. Os outros 5,5% dos pecuaristas não dispõem de áreas próprias, necessitando utilizar terras arrendadas de terceiros. Sobre os arrendamentos, foi observado que metade dos produtores possuem terras arrendadas, indicando que a necessidade de expansão das áreas tem sido importante para muitos pecuaristas. O arrendamento de terras próprias para terceiros foi citado por apenas seis entrevistados. Quando perguntados sobre o modo de acesso à terra, foi possível evidenciar a importância das heranças como principal forma de obtenção deste recurso produtivo, uma vez que em 76,4% dos estabelecimentos parte, ou toda a área detida, decorreu de heranças familiares. Além das heranças, 48,2% dos estabelecimentos

³ Segundo dados do Censo Agropecuários 2017, 58,9% dos estabelecimentos gaúchos não possuem conexão com a internet (IBGE, 2018d).

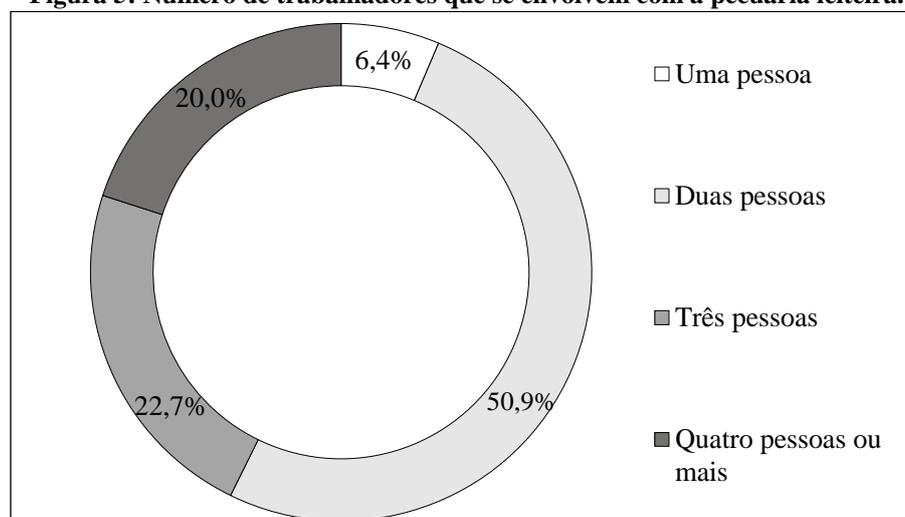


tinham áreas compradas com recursos próprios, enquanto que 10,0% dos produtores destacaram ter feito uso do crédito fundiário para compra de terras.

Quanto ao tamanho das áreas, a maior parte das propriedades (34,5%) possuem de mais de 20 até 40 hectares, sendo que outros 30,9% possuem de 5 a 20 hectares. Dessa forma, em sua maioria, os estabelecimentos produtores são unidades com no máximo dois módulos fiscais. Cabe ressaltar que o tamanho dos estabelecimentos amostrados se aproxima dos dados retratados pelo Censo Agropecuário 2017 e concatenados no trabalho de Marks Machado e Waquil (2020).

Para o desenvolvimento da atividade, a ampla maioria dos estabelecimentos contam com mais de uma pessoa se dedicando à pecuária leiteira. Assim, em 50,9% das unidades o funcionamento do sistema de produção depende de duas pessoas, em que geralmente o casal de produtores se envolve na atividade. Em 22,7% dos casos, a atividade necessita de três pessoas, ao passo que em 20,0% dos estabelecimentos existem pelo menos quatro trabalhadores. Nesses casos é comum que além do casal de produtores, existam também filhos ou funcionários trabalhando. Os dados encontrados reforçam o caráter intensivo no uso da mão de obra da pecuária leiteira, já reconhecida na bibliografia (CARVALHO; POCCARD-CHAPUIS; TOURRAND, 2015; LIMA *et al.*, 2020; OLIVEIRA, A., 2010; SILVA NETO; BASSO, 2005). Pela característica periódica dos trabalhos nesta pecuária, deve ser salientado que o número de trabalhadores sintetizado na figura 5 considera os membros envolvidos diretamente na atividade. Essa característica difere da pecuária familiar de corte, que como atestado por Matte (2017) se caracteriza por envolver alguns trabalhadores de forma esporádica.

Figura 5: Número de trabalhadores que se envolvem com a pecuária leiteira.



Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados de pesquisa (2021).

Quanto ao tipo de mão de obra utilizada, 74,5% dos estabelecimentos possuem apenas trabalhadores da família na propriedade, 13,6% destacaram necessitar da contratação de trabalhadores esporádicos em momentos de maior necessidade de mão de obra e outros 11,8% dos produtores disseram ter funcionários fixos em seus estabelecimentos. Nesses casos, embora possuindo funcionários fixos, os membros da família também se empenham na produção. Ainda sobre o trabalho, um aspecto importante a ser ressaltado diz respeito a sua divisão. Assim, ao ser perguntado quem predominantemente realiza a ordenha no estabelecimento, 49,1% dos produtores destacaram ser o casal de produtores, acompanhado ou não de empregados ou filhos. De todo modo, em 31,8% dos estabelecimentos as esposas foram citadas como a principal responsável pela ordenha. Quando feito um recorte por gênero dos trabalhadores que se empenham na ordenha, é averiguado que a participação feminina está presente em 92,7% dos estabelecimentos, ao passo que a participação masculina nessa tarefa esteve presente em 77,3%. Dada a centralidade da ordenha em uma unidade produtora de leite, os resultados encontrados aqui ratificam a importância das mulheres na atividade, tal como já reconhecido recentemente por alguns estudos (DORREGÃO, 2018; ROCHA JÚNIOR *et al.*, 2014; SEITENFUSS; LIMA, 2014).

Tratando-se da infraestrutura produtiva, foram classificados três possíveis sistemas de produção de leite, sendo estes o Sistema a Pasto, o Sistema Semiconfinado e o Sistema Confinado. Foi considerado como Sistema a Pasto, o sistema em que os animais permanecem livres sobre pastagens, naturais ou cultivadas, havendo ou não o uso de complementação alimentar durante ou após as ordenhas. Baseado na definição de Soares *et al.* (2008), se considerou como um Sistema Semiconfinado aquele em que os animais permanecem confinados com disponibilidade de alimentos e água em determinados momentos do dia, e tem ainda acesso à pastagem em outros momentos. Já o Sistema Confinado foi tratado como sistema em que os animais não acessam pastagem, permanecendo confinados em galpões com, ou sem, repartições⁴.

A partir dessas classificações constatou-se que o Sistema de Produção a pasto é o mais comum entre os produtores, utilizado por 75,5% destes. O sistema Semiconfinado e Confinado, é utilizado, respectivamente, pelos outros 13,6% e 10,9% dos pecuaristas. A importância relativa de cada sistema de produção encontrado aqui, se assemelha aos dados apresentados por Rocha Júnior *et al.* (2014) em estudo com pecuaristas de municípios do noroeste do Rio Grande Sul. Como esperado, houve uma correlação significativa e positiva entre a adoção de sistemas confinados e o

⁴ Galpões em que os animais permanecem separados em repartições são chamados de Sistema de Confinamento em Free Stall. Já os galpões sem repartições entre os animais são conhecidos como Sistema de Confinamento em Compost Barn (SANTOS, 2016).



volume de leite produzido (0,582), em que estabelecimentos com maior produção tendem a não utilizar, ou utilizar com menor importância as pastagens. Média também foi a correlação entre o uso de sistemas confinados e o número de funcionários contratados (0,453). Internamente aos sistemas de produção, a raça mais citada como predominante foi a holandesa, presente em 62,7% dos estabelecimentos. Os estabelecimentos com maior presença de animais da raça Jersey foram de 12,7%.

Na tabela 2, são sistematizadas informações quanto ao tamanho médio dos rebanhos, lactante e total, a produtividade em litros por animal ao dia e a quantidade de leite mensal produzida. Em média os estabelecimentos produzem 19,6 litros por animal ao dia, havendo uma produtividade mínima de 10,0 e máxima de 31,0 litros. O coeficiente de variação desse indicador é o mais baixo dentre os quatro analisados, havendo assim uma menor dispersão da produtividade diária entre os estabelecimentos. Pela estratificação da amostra, é possível perceber que a maior parte dos estabelecimentos (39,1%) têm uma produtividade diária entre 16 e 20 litros por animal, ao passo que 30,0% dos estabelecimentos produzem de 21 até 25 litros por animal ao dia.

Tabela 2: Produtividade diária, produção mensal e tamanho do rebanho.

Indicador	Produtividade diária ¹	Produção Mensal ²	Rebanho Total ³	Rebanho em lactação ³
Média	19,62	17.345,91	54,27	27,47
Mediana	20,00	15.000,00	40,00	25,00
Máximo	31,00	80.000,00	250,00	110,00
Mínimo	10,00	2.700,00	13,00	7,00
Desvio Padrão	4,71	13.972,03	39,79	18,14
Coeficiente de variação	24,0%	80,5%	73,3%	66,0%

¹ Em litros por animal. ² Em litros. ³ Em cabeças

Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos dados de pesquisa.

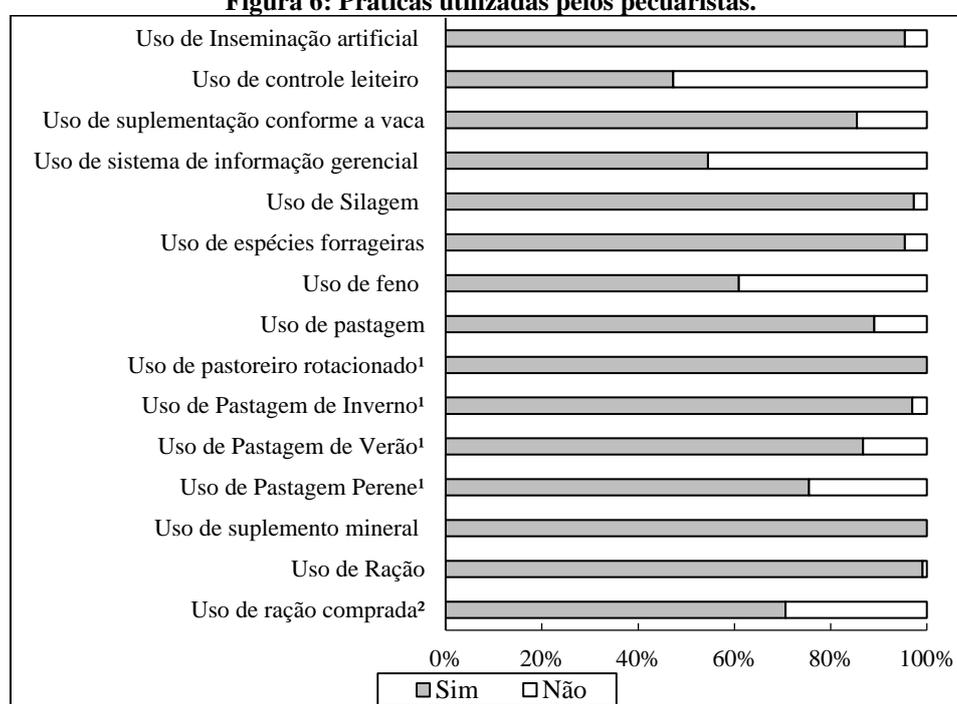
Em média, os estabelecimentos possuem 27 animais em lactação e um rebanho total de 54 cabeças. A maior homogeneidade da produtividade entre as unidades produtivas, em comparação com o tamanho dos rebanhos e a produção mensal, revela que as disparidades produtivas não são apenas fruto de questões relacionadas ao manejo técnico do sistema de produção. Antes disso, tais diferenças podem estar ligadas ao acesso e a disponibilidade de determinados fatores produtivos, como a própria terra.

Corroborando com isso, é notada uma certa homogeneidade nas práticas de manejo utilizadas pelos produtores (Figura 6). Assim, 95,5% dos entrevistados destacam que a principal forma de reprodução do rebanho é a inseminação artificial, sendo que 60% dos produtores não



fazem uso de reprodução natural. Já o controle leiteiro mensal é feito por 47,8% dos produtores, enquanto que 85,5% fazem algum tipo de diferenciação e categorização do rebanho para o fornecimento de suplementos alimentares, como ração e silagem. Em relação ao uso de algum tipo de controle de receitas e despesas da atividade, a maior parte dos produtores destacaram fazer este tipo de gerenciamento. Dos 60 produtores que afirmaram utilizar algum sistema gerencial, 75,0% informaram fazer o controle através de anotações e os demais disseram utilizar algum software computadorizado.

Figura 6: Práticas utilizadas pelos pecuaristas.



¹ Percentual relativo aos produtores que utilizam pastagem. ² Percentual relativo aos produtores que utilizam ração.

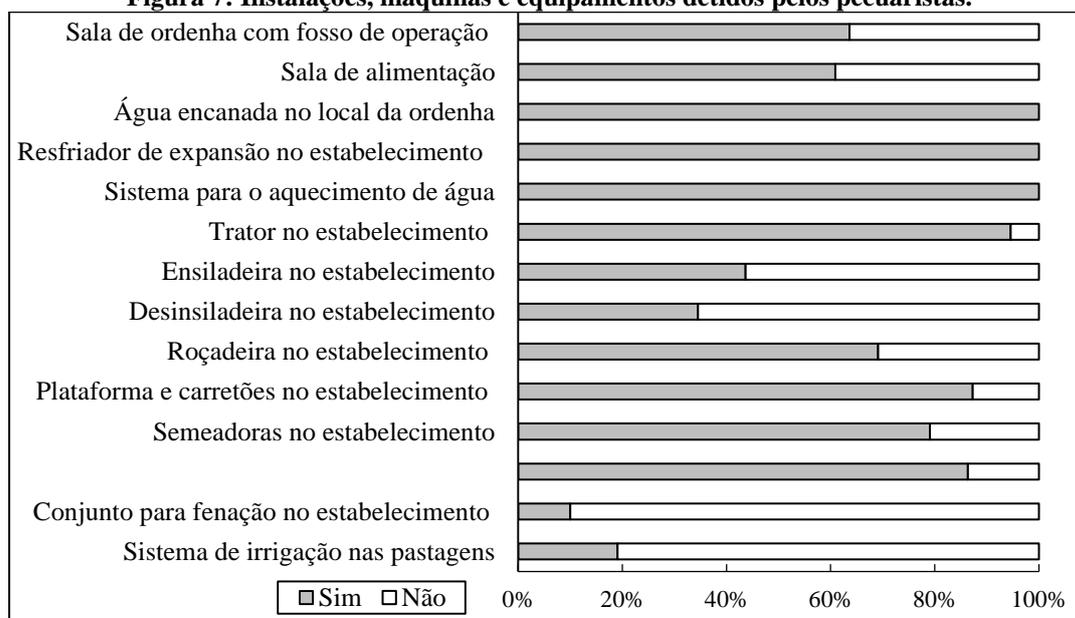
Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos dados de pesquisa.

Com base na figura 6, observa-se que o uso de silagem é majoritário entre os produtores, ocorrendo o mesmo para o uso de espécies forrageiras na alimentação do rebanho. Obviamente, o uso de pastagens é utilizado apenas nas propriedades que adotam o Sistema a Pasto ou Semiconfinado, nestes a prática de pastoreio rotacionado é sempre utilizada. Nota-se também pela figura 6, que o uso de pastagens de inverno é preferido em comparação com as pastagens perenes e de verão, reforçando a tendência de maior concorrência por área durante a estação quente, internamente ao sistema de produção. Apenas um produtor destacou ter um sistema totalmente a pasto, não havendo nesse caso a oferta de alimento concentrado aos animais. Nos outros 109 estabelecimentos há utilização de ração, adquirida principalmente externamente à unidade de

produção. Contudo 29,4% dos produtores destacaram utilizar ração predominante produzida na propriedade, podendo haver nesses casos uma maior autonomia do sistema leiteiro, tal como enfatizado por Ploeg (2008, 2016).

Por último, mas não menos importante, deve ser apresentada a infraestrutura disponível em máquinas, equipamentos e instalações (Figura 7). Em 36,4% dos estabelecimentos não existe sala de ordenha com fosso de operação, havendo nesses casos condições ergométricas mais precárias para a realização da ordenha. Todos os produtores informaram possuir água encanada no local da ordenha, algum sistema de aquecimento de água para limpeza dos equipamentos utilizados na ordenha e resfriador de expansão para armazenamento do produto, atendendo assim ao disposto na Instrução Normativa 77 (MAPA, 2018). Todos os produtores destacaram possuir ordenhadeira mecânica, havendo em 62,7% dos estabelecimentos ordenha canalizada. De todo modo, para 20,0% e 17,3% da amostra, a ordenhadeira utilizada é do tipo balde ao pé ou com transferidor, respectivamente. Esses resultados divergem dos dados apresentados no Relatório confeccionado pela EMATER, em que foi apontado uma predominância das ordenhadeiras do tipo balde ao pé (EMATER, 2019). Cabe destacar que as ordenhadeiras canalizadas, são principalmente adotadas pelos produtores dos estratos de produção três e quatro, que produzem mais de 500 litros de leite ao dia.

Figura 7: Instalações, máquinas e equipamentos detidos pelos pecuaristas.



Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos dados de pesquisa (2021).

Os tratores estão presentes em 94,5% das unidades produtoras, porém este percentual é mais baixo para outros equipamentos importantes na produção de leite, como ensiladeiras, desensiladeiras e semeadoras, por exemplo. De todo modo, 80,0% dos pecuaristas disseram fazer troca de serviços de máquinas com vizinhos, contratar máquinas de terceiros, ou ainda utilizar máquinas de associações de produtores em seus estabelecimentos. A irrigação das pastagens está presente em apenas 19,1% dos estabelecimentos.

CRÉDITO RURAL, ASSISTÊNCIA TÉCNICA E CANAIS DE COMERCIALIZAÇÃO ACESSADOS

Entre as políticas públicas disponíveis para atividade leiteira, a política agrícola de crédito rural figura, historicamente, como a mais importantes aos produtores do sul do Brasil (BÁNKUTI; CALDAS, 2018; SCHUBERT; NIEDERLE, 2011; SOARES; SILVEIRA; FIALHO, 2010). Corroborando com isso, nota-se que 85,5% dos produtores entrevistados estão acessando a alguma política pública de custeio ou de investimento na produção. Dado o caráter familiar dos produtores, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar figurou como principal política pública citada, em que a modalidade de custeio pecuário foi firmada por 86,2% dos estabelecimentos tomadores de crédito, enquanto que o PRONAF investimentos chegou a um percentual de 81,9%. O Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (PRONAMP), foi citado como forma de acesso à crédito por apenas três produtores, que destacaram não se enquadrar no PRONAF por ultrapassar a renda máxima anual estabelecida pelo programa.

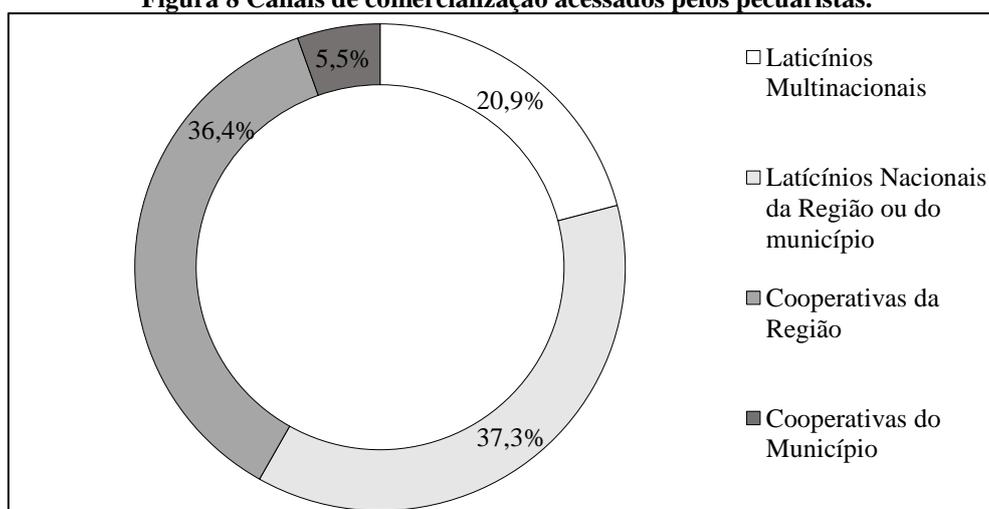
Junto ao crédito rural, o acesso à assistência técnica e extensão rural (ATER) figura também como um importante instrumento de apoio à produção leiteira, de modo que em 91,8% das unidades os produtores recebem serviços de ATER. Igual ao apontado pelos dados do Censo Agropecuário 2017, a principal entidade promotora de assistência técnica citada pelos pecuaristas foram as cooperativas e associações, seguidas das instituições públicas em âmbito municipal e estadual, destacadas por 47,5% e 42,7% dos entrevistados, respectivamente. Um terço dos produtores destacaram ainda contratar assistência técnica periodicamente. Nesses casos, geralmente os técnicos contratados são veterinários que visitam a propriedade mensalmente e orientam os produtores em aspectos relacionados ao manejo alimentar e reprodutivo do rebanho. Como esperado, esta modalidade de assistência é principalmente utilizada pelos estabelecimentos com maior produção de leite.



O fato de serem as instituições públicas uma das principais promotoras de assistência técnica aos pecuaristas, revela, por um lado, a importância dessas instituições, em que o papel da EMATER ganha notoriedade no caso do Rio Grande do Sul. Por outro lado, é possível salientar que as dificuldades de infraestrutura e de institucionalização nacional de um programa de ATER, tal como argumentado por Diesel, Dias e Neumann (2014), dificulta a existência de uma ação coordenada e capaz de assessorar a maior parte dos agricultores. Por seu turno, o protagonismo das cooperativas e das associações na prestação de assistência técnica, decorre da grande inserção dos produtores nessas instituições, uma vez que 84,5% dos agricultores afirmaram participar de ao menos um tipo de cooperativa ou associação de produtores.

Nesse sentido, além de atuarem fornecendo serviços de ATER, as cooperativas apresentam papel importante na captação e compra do leite dos pecuaristas. A figura 8 caracteriza os canais de comercialização acessados pelos produtores. Como pode ser visualizado, 41,8% dos produtores vendem sua produção através de cooperativas, principalmente estruturadas em âmbito regional. A cooperativa citada por um maior número de produtores foi a Cooperativa Central Gaúcha Ltda (CCGL), que se caracteriza por reunir outras 16 cooperativas singulares e assim detém uma ampla infraestrutura de captação de leite no Rio Grande do Sul. Além da CCGL, foram destacadas outras dez cooperativas compradoras. Regionalmente, nota-se que enquanto no Noroeste a maior parte dos produtores (69,0%) comercializam a produção através de empresas privadas, nas demais regiões a maior parte dos produtores vende a produção para cooperativas.

Figura 8 Canais de comercialização acessados pelos pecuaristas.



Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos dados de pesquisa (2021).

Já as agroindústrias multinacionais são o canal de comercialização acessado por 20,9% dos produtores, havendo destaque especial para a francesa Lactalis® a qual figura como segunda maior empresa do setor lácteo do país (VALOR, 2019). Outros 37,3% dos produtores destacaram comercializar sua produção com laticínios nacionais de grande, médio e pequeno porte, sendo citadas outras 14 empresas. Apenas um produtor destacou fazer a comercialização tanto em mercados formais como informais, não havendo produtores que comercializavam a produção apenas através de mercados informais, demonstrando a forte integração dos pecuaristas às cadeias do agronegócio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou fazer uma caracterização socioeconômica e produtiva da pecuária familiar leiteira do Rio Grande do Sul, cabe aqui serem apresentadas e reforçadas algumas considerações. De imediato é importante reforçar que os resultados encontrados por este trabalho não finalizam os esforços de pesquisa relacionados a pecuária leiteira gaúcha, antes disso o reconhecimento das suas características é o ponto de partida para apreensão das vulnerabilidades enfrentadas por estes pecuaristas. De todo modo, quanto às características socioeconômicas, pode ser dito que a produção leiteira figura como a principal atividade nos estabelecimentos, contudo a maior parte dos produtores diversificam o sistema produtivo, em que a produção de grãos se destaca. Em relação às rendas não agrícolas, se observou que a principal renda externa são as aposentadorias, reforçando assim o caráter familiar e intergeracional da atividade. Ainda sobre os rendimentos, chama a atenção que a minimização e a diluição de riscos são apontadas como o principal motivo para o desenvolvimento da atividade, em que a possibilidade de uma renda mensal é um fator diferencial para a continuidade da produção.

Sobre a organização do sistema de produção, a grande parte dos estabelecimentos necessita de pelo menos duas pessoas se dedicando integralmente à atividade, atestando o caráter intensivo no uso da mão de obra familiar. Nesse sentido, cabe reforçar o protagonismo das mulheres na pecuária leiteira, em que estas são responsáveis pelo processo de ordenha em 92,7% dos estabelecimentos analisados. Além de contrastar com a participação masculina nessa atividade (77,3%), este resultado se confronta com o gênero dos próprios entrevistados pelo estudo, uma vez que 82,7% dos interlocutores da pesquisa foram homens.

Corroborando com outros estudos, nota-se que o sistema a pasto é o mais utilizado entre os produtores havendo uma tendência de que estabelecimentos com maior produção adotem sistemas



semiconfinados e confinados. Todos os produtores considerados vendem sua produção em mercados formais, estando assim integrados às cadeias convencionais da agropecuária. De todo modo, as cooperativas se apresentam como instituições importantes na prestação de assistência técnica e como canal de comercialização da produção. Por fim, é útil salientar que independente do estrato produtivo, todas as propriedades analisadas dispõem de uma infraestrutura básica para a produção leiteira, em que as técnicas de manejo utilizadas, e até mesmo a produtividade diária, não são os aspectos de maior diferenciação entre os pecuaristas. Por sua vez, o tamanho dos rebanhos, o tamanho da área disponível, bem como as instalações detidas tendem a ser pontos de maior diferenciação entre os produtores familiares analisados.

REFERÊNCIAS

ALARY, V. *et al.* Livelihood strategies and the role of livestock in the processes of adaptation to drought in the Coastal Zone of Western Desert (Egypt). **Agricultural Systems**, [s. l.], v. 128, p. 44–54, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.agsy.2014.03.008>. Acesso em: 31 de ago. 2020.

BÁNKUTI, Ferenc Istvan; CALDAS, Marcellus Marques. Geographical milk redistribution in Paraná State, Brazil: Consequences of institutional and market changes. **Journal of Rural Studies**, [s. l.], v. 64, n. October, p. 63–72, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2018.10.004>. Acesso: 31 ago. 2020.

BARDIN, L. **L'Analyse de contenu**. Paris: Editora Presses Universitaires de France, 1977.

CARVALHO, S A de; POCCARD-CHAPUIS, R; TOURRAND, J F. Opportunism and persistence in milk production in the Brazilian Amazonia. **Revue d'Élevage et de Médecine Vétérinaire des Pays Tropicaux**, [s. l.], v. 68, n. 2/3, p. 61–67, 2015.

DIESEL, Viian; DIAS, Marcelo Miná; NEUMANN, Pedro Selvino. Pnater (2004 - 2014): da concepção à materialização. *In*: GRISA, Catia; SCHNEIDER, Sérgio (org.). **Políticas de Desenvolvimento Rural no Brasil**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014. p. 623.

DORREGÃO, Vandrega Vigarini. **A Participação de Mulheres na Atividade Leiteira: um estudo do município de Orlenas/SC**. 150 f. 2018. - Universidade do Extremo Sul Catarinense, [s. l.], 2018.

EMATER. **Relatório Socioeconômico da Cadeia Produtiva Do Leite No Rio Grande Do Sul-2019**. [S. l.: s. n.], 2019. *E-book*.

EMATER. **Relatório socioeconômico da cadeia produtiva do leite no Rio Grande do Sul: 2017**. Porto Alegre: Emater/RS-Ascar, 2017. *E-book*.

FAO, Food and Agriculture Organization of the United Nations. **Livestock Primary**. [S. l.], 2019. Disponível em: <http://www.fao.org/faostat/en/#data/QL/visualize>. Acesso em: 4 ago. 2021.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22295/grifos.v31i57.6731> | Edição Vol. 31, Núm. 57, 2022.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

GRISA, Catia; SCHNEIDER, Sérgio. Três Gerações de Políticas Públicas para a Agricultura Familiar e Formas de Interação entre Sociedade e Estado no Brasil. **Revista de Sociologia Rural**, [s. l.], v. 52, n. 1, p. S125–S146, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20032014000600007>. Acesso em 18 abr. 2018.

IBGE. **Censo Agropecuário 2006 - Produção e Venda de leite de vaca no ano nos estabelecimentos agropecuários, por condição do produtor em relação às terras, grupos de área total e grupos de cabeças de bovino**. [S. l.], 2006. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/933>. Acesso em: 3 nov. 2019.

IBGE. **Censo Agropecuário 2017 - Número de estabelecimentos agropecuários com bovinos, Efetivos, Venda e Produção de leite, por direção dos trabalhos do estabelecimento agropecuário e origem da orientação técnica recebida - resultados preliminares 2017**. [S. l.], 2018a. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/6782#notas-tabela>. Acesso em: 3 nov. 2019.

IBGE. **Censo Agropecuário 2017 - Número de estabelecimentos agropecuários que produziram leite de vaca, Vacas ordenhadas nos estabelecimentos agropecuários, Quantidade produzida de leite de vaca, Valor da produção de leite de vaca, Número de estabelecimentos agr**. [S. l.], 2018b. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6912>. Acesso em: 6 ago. 2020.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Número de estabelecimentos agropecuários, por tipologia, origem da orientação técnica recebida, sexo do produtor, condição do produtor em relação às terras, classe de idade do produtor e escolaridade do produtor**. [S. l.], 2018c. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6779>. Acesso em: 15 mar. 2021.

LIMA, Arlindo Jesus Prestes de *et al.* Dinâmica Agrária e Estratégias de Desenvolvimento da Agricultura: uma análise em termos de Sistemas Agrários no Município de Pinheirinho do Vale. **IGepec**, [s. l.], v. 24, n. 2, p. 213–231, 2020.

LIMA, Arlindo Jesus Prestes de *et al.* Problemática e Perspectivas do Desenvolvimento da Agricultura: uma análise da dinâmica agrária de Alpestre, Médio Alto Uruguai, Rio Grande do Sul, Brasil. *In:*, 2017, Santa Cruz do Sul. **Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional**. Santa Cruz do Sul: [s. n.], 2017. p. 23.

MAPA, Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. **Instrução Normativa Nº 77 de Novembro de 2018** Brasília: Diário Oficial da União, 2018. p. 1–11.

MARKS MACHADO, José Tobias. Mudanças Socioprodutivas na Pecuária Leiteira: uma leitura a partir dos ordenamentos e dispositivos institucionais, artefatos e práticas. *In:*, 2019, Porto Alegre. **II Workshop Estratégias de Alimentação e Abastecimentos**. Porto Alegre: Anais do II Workshop Estratégias de Alimentação e Abastecimentos, 2019. p. 1–25.

MARKS MACHADO, José Tobias; WAQUIL, Paulo Dabdab. Evolução e Estruturação de uma Nova e uma Antiga Bacia Leiteira: uma análise a partir do estado do Pará e do Rio Grande do Sul. *In:*, 2020, Foz do Iguaçu. **Anais do 58º Congresso da Sober**. Foz do Iguaçu: [s. n.], 2020. p. 20.

MATTE, Alessandra. **Convenções e Mercados da Pecuária Familiar no Sul do Rio Grande do Sul, Brasil**. 294 f. 2017. - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [s. l.], 2017.



MIGUEL, Lovois de Andrade. **Dinâmica e Diferenciação de Sistemas Agrários**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018.

OLIVEIRA, Angélica. **O Padrão Tecnológico na Produção de Leite o Desenvolvimento Rural: uma análise baseada nos sistemas de produção do município de Ijuí**. 137 f. 2010. - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, [s. l.], 2010.

OLIVEIRA, Denize Cristina de. Análise de conteúdo temático- categorial: uma proposta de sistematização. **Revista Enfermagem UERJ**, [s. l.], v. 16, n. 4, p. 569–576, 2008.

PLOEG, Jan Douwe van der. **Camponeses e a Arte da Agricultura**. 1. ed. São Paulo; Porto Alegre: Editora Unesp; Editora UFRGS, 2016.

PLOEG, Jan Douwe van der. **Camponeses e Impérios Alimentares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

POCCARD-CHAPUIS, R *et al.* Produção Leiteira e Desenvolvimento Regional na Amazônia Brasileira. **Revista de Política Agrícola**, [s. l.], v. 9, n. 3, p. 47–53, 2000.

ROCHA JÚNIOR, Ben-hur D. da *et al.* O perfil dos produtores de leite, o processo de sucessão e a renda bruta no Rio Grande do Sul: análise do Corede Produção. **Revista Teoria e Evidência Econômica**, [s. l.], v. 20, n. 42, p. 42–66, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5335/rtee.v20i42.4476>. Acesso em: 16 mar. 2021.

SASTOQUE, Marlon Javier Méndez. El neorruralismo como Práctica Configurante de Dinámicas Sociales Alternativas: un estudio de caso. **Revista Luna Azul**, [s. l.], v. 34, n. 1, p. 113–130, 2012.

SCHUBERT, Maycon Noremberg; NIEDERLE, Paulo André. A competitividade do cooperativismo de pequeno porte no sistema agroindustrial do leite no oeste catarinense. **Revista IDEAS**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 188–216, 2011.

SEITENFUSS, Roseli; LIMA, Arlindo Jesus Prestes de. O papel da mulher no processo de produção e reprodução social da Agricultura Familiar: um estudo em Unidades de produção leiteira em Condor (RS). In: COTRIM, Décio (org.). **Desenvolvimento Rural e Agricultura Familiar**. 1. ed. Porto Alegre: EMATER, 2014. p. 623. *E-book*.

SENA, Ana Laura dos Santos *et al.* Concentração Espacial e Caracterização da Pecuária Leiteira no Estado do Pará. In: , 2010. **Anais do 48º Congresso Sociedade Brasileira De Economia, Administração E Sociologia Rural**. [S. l.: s. n.], 2010. p. 1–17.

SILVA NETO, Benedito; BASSO, David. A produção de leite como estratégia de desenvolvimento para o Rio Grande do Sul. **Desenvolvimento em Questão**, [s. l.], v. 3, n. 5, p. 53–72, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2005.5.53-72>. Acesso em: 20 mar. 2021.

SILVA NETO, Benedito; BASSO, David. **Sistemas Agrários do Rio Grande do Sul. Análise e Recomendações de Políticas**. 2ªed. Ijuí: Editora da Unijuí, 2015.

SOARES, Júlio Cesar Valandro; SILVEIRA, Vicente Celestino Pires; FIALHO, Marco Antônio Verardi. A crise e o Recrudescimento da cadeia produtiva do leite na região noroeste/RS a partir da



décade de 90 e Políticas Agrícolas - Possíveis Relações. **Revista Extensão Rural**, [s. l.], v. 19, n. 1, p. 135–159, 2010.

SOARES, Rui Getúlio *et al.* **Estrutura produtiva da cadeia láctea gaúcha: Perspectiva regional do Corede Nordeste**. 1. ed. Passo Fundo: Editora UPF, 2008.

TONIN, Jeferson. **A AGRICULTURA DE ROLADOR E A CONCENTRAÇÃO PRODUTIVA: UMA ANÁLISE DOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO DE LEITE**. 150 f. 2018. - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [s. l.], 2018.

TOURRAND, Jean François *et al.* Livestock farming embedded in local development: Functional perspective to alleviate vulnerability of rural communities. **Revue Elevage Médecine Vétérinaire Pays Tropicaux**, [s. l.], v. 68, n. April, p. 51–53, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1139/bcbcontents02>. 27 nov. 2018.

VALOR. **Nestlé, Lactalis e Danone no “pódio” dos laticínios**. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://valor.globo.com/agronegocios/noticia/2019/08/12/nestle-lactalis-e-danone-no-podio-dos-laticinios-1.ghtml>. Acesso em: 29 mar. 2021.

VENNET, Bert Vander; SCHNEIDER, Sergio; DESSEIN, Joost. Different farming styles behind the homogenous soy production in southern Brazil. **The Journal of Peasant Studies**, [s. l.], v. 43, n. 2, p. 396–418, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03066150.2014.993319>. Acesso em: 18 mar. 2021.

VILELA, Duarte *et al.* A evolução do leite no Brasil em cinco décadas. **Política Agrícola**, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 5–24, 2017.

WAQUIL, Paulo Dabdab *et al.* **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

WILKINSON, John. **Estudo da competitividade da indústria brasileira o complexo agroindustrial**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2008.

